

A VILLA ADRIANA: PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

La Villa Adriana: Patrimoine de l'Humanité

Carlos Alberto Ávila Santos
Doutor/UFPel
betosant@terra.com.br

RESUMO

O artigo discorre sobre a Villa Adriana, complexo arquitetônico erguido por iniciativa do Imperador Adriano, entre os anos de 118 e 133 d.C. Magnífica residência imperial onde o governante buscava refúgio e prazer. Situada em Tíbur, atual Tívoli, cidade que na época de Augusto tornou-se um dos locais de descanso entre os romanos ricos. Adriano era um homem culto e refinado, apaixonado pelas artes, especialmente a arquitetura. Das antigas construções – palácio, templos, bibliotecas, teatros, termas, tanques, e chafarizes – restam na Villa somente as ruínas. No local o imperador edificou monumentos inspirados naqueles existentes em vários pontos do Império e visitados por ele em suas viagens. Escavações arqueológicas revelaram diferentes esculturas, cópias das cariátides do Erecteion de Atenas e de originais de Fídias e Policleto.

Palavras-chave: Arte Romana; Arquitetura; Bens Integrados.

RÉSUMÉ

Cet article traite de la *Villa Adriana*, un complexe architectural érigé à l'initiative de l'empereur Hadrien, entre les années 118 et 133 après J.-C. C'était une magnifique résidence impériale où le souverain a cherché refuge et plaisir. Située à Tibur, aujourd'hui Tivoli, ville qui à l'époque d'Auguste est devenue l'un des lieux de repos des romains riches. Hadrien était un homme cultivé et raffiné, passionné par les arts, en particulier l'architecture. Des vieux bâtiments – palais, temples, bibliothèques, théâtres, bains, réservoirs et fontaines – il ne reste que les ruines de la villa. Dans cet endroit l'empereur a construit des monuments inspirés par ceux qui existaient dans plusieurs points de l'Empire et qu'il avait visité dans ses voyages. Des fouilles archéologiques ont révélé de différentes sculptures, des copies des caryatides de l'Erechtheum d'Athènes et des originaux de Phidias et Policleto.

Mots-clés: Art romain; Architecture; Biens intégrés.

Adriano, Imperador de Roma

Segundo a lenda, Roma foi fundada sob o regime monárquico em 753 a.C. Por volta de 509 tornou-se República. E voltou à monarquia em 27 a.C., quando Otaviano subiu ao trono como Imperador e reinou até o ano de 14 d.C., com o título de Augusto (BOURBON, 2005). Trajano foi o décimo terceiro Imperador dessa segunda fase monárquica, e governou entre os anos de 98 e 117. Adriano foi o décimo quarto governante, soberano desde 117 até 138 (HADAS, 1969). Diferentemente de seus antecessores, que se dedicaram às conquistas de terras através da luta armada, Adriano inaugurou um período de relativa paz. Estruturou as cidades e

as capitais das províncias – edificando aquedutos e pavimentando estradas – com o objetivo de consolidar o território conquistado. Ergueu fortalezas e construiu muralhas nas áreas de fronteiras¹, buscando proteger os limites geográficos do Império Romano.

Adriano nasceu no ano de 76, na urbe de Itálica, próxima da atual cidade de Sevilha (BRUCIATI, 2000), e recebeu o nome de *Publius Aelius Hadrianus*. (Figura 1.1) Após a morte prematura do pai, que era primo de Trajano, o menino de doze anos foi adotado pelo Imperador, que não possuía filhos. Ainda criança, dedicou-se à equitação e era exímio cavaleiro. Desde a adolescência praticou a caça, e entregou-se a esse prazer até a idade madura. Caçou cabritos montanheses nas colinas da Etrúria, javalis nas florestas da Gália, leões nas planícies da Mauritânia (YOURCENAR, 2003). Fez carreira militar, na qual mostrou grande habilidade nas lutas individuais e nas estratégias de guerra. Foi nomeado Tribuno do Povo, Governador da Panônia e, depois, da Síria e da Antioquia. Com a morte de Trajano foi eleito pelo Senado como Imperador de Roma, aos 41 anos de idade (BRUCIATI, 2000).



Figura 1: À esquerda, 1: Busto de Adriano. Mármore. Museu Nacional Romano, Roma. À direita, 2: Fragmento de retrato de Sabina, encontrado em escavações na Praça d'Ouro. Mármore. Museu da Villa Adriana. **Fonte:** BRUCIATI, Andrea. **La villa d'Hadrien**. Milão: Mondatori Electra, 2017. pp. 11 e 13.

¹ Na Bretanha, Adriano ordenou a construção de uma muralha de alvenaria de tijolos e pedras, de 7m de altura, 3m de largura e 117km de comprimento, antecedida de um fosso com 8m de largura e 2,5m de profundidade, erguida entre 122 e 127. O muro demarcava a fronteira com a Escócia e protegia as regiões férteis e policiadas do sul contra os ataques das tribos do norte.

Desde a idade de doze anos, foi preparado por Trajano para ocupar o trono. Falava e escrevia fluentemente o latim e o grego. Conhecia e era apaixonado pela cultura helênica clássica. Escreveu vários discursos para o Imperador. Amava a literatura e a poesia. Criou poemas e redigiu tratados políticos. Adorava as artes e, sobretudo, a arquitetura. Executou projetos arquitetônicos e coordenou diferentes construções, como: no Panteão de Roma² e na Villa Adriana. Teve uma relação de afeto e amor com Plotina, viúva de Trajano. Aos vinte e oito anos, por indicação da amiga, conselheira e amante casou-se com Víbia Sabina, sobrinha neta de Trajano. (Figura 1.2) Foi um casamento por contrato, sem amor e, por vezes, tenso. Adriano chegou a escrever que se fosse um homem comum teria se divorciado da esposa.



Figura 2: À esquerda, 1: Detalhe da estátua de corpo inteiro de Antínoo. Mármore. Museu de Nápoles. À direita, 2: Medalhão com a efígie de Antínoo. Coleção particular. **Fonte:** BRUCIATI, Andrea. **La villa d’Hadrien.** Milão: Mondatori Electra, 2017. pp. 18 e 20.

Foi apaixonado por Antínoo, jovem grego nascido na Província da Bitínia, na Ásia Menor. (Figura 2) Adriano o conheceu quando de sua viagem ao Oriente, entre 123 e 125. O

² Edificado em 27 a.C. por ordem do Consul Marcus Agrippa, para comemorar a vitória de Augusto sobre Marco Antônio e Cleópatra, o Templo retangular foi arruinado por um incêndio em 80 d. C. Foi reconstruído por Adriano entre os anos de 115 e 125, com o objetivo de transformar o prédio no panteão dos deuses romanos. Uma das fachadas laterais da antiga construção foi aproveitada, transformada em pórtico. A placa honorífica de Agrippa foi transferida para arquitecra que sustém o novo frontão, os capitéis das colunas sofreram reparos. O edifício propriamente dito foi reerguido com planta circular. Um cilindro com largas paredes de tijolos cerâmicos unidos com argamassa, coroado com a cúpula moldada sobre armações de madeira, em argamassa originada da mistura de puzzolana, areia, cal e água.

garoto de dezessete anos passou então a fazer parte da corte do Imperador: “... à semelhança de um cãozinho novo. O belo galgo ávido de carícias e de ordens instalou-se em minha vida” (YOURCENAR, 2003. p. 134). Quatro anos depois, em viagem ao Egito, após visitar Alexandria e seguir em expedição com Adriano para o interior do território através do Nilo, na cidade de Hermópolis, Antínoo morreu afogado nas águas do rio. Alguns historiadores descrevem o episódio como um suicídio. Outros afirmam que se tratou de um assassinato encomendado por membros da corte imperial, com o objetivo de eliminar o favorito do Imperador e ascender aos privilégios do Governante.

É célebre a beleza de Antínoo, registrada em múltiplas iconografias da época: esculpidas em mármore, moldadas em relevos de estuque, ou cunhadas em medalhões e moedas. (Figura 2) Que impressionam pelo “inacreditável realismo (...) conquanto tão diversamente interpretadas (...) de uma face que não foi nem a de um homem de Estado, nem a de um filósofo, mas simplesmente a de alguém muito amado” (YOURCENAR, 2003, p. 263). Com a morte do rapaz, Adriano atenuou sua dor transformando o jovem em divindade do panteão romano. Ergueu arcos triunfais e templos para o novo deus e criou uma cidade com seu nome – Antinoopolis ou Antinoé – situada em área próxima ao local do trágico afogamento. (Figura 3)



Figura 3: Arco Triunfal de Antínoo, em Antinoopolis ou Antinoé. Segundo gravura publicada na obra *Description de l'Égypte*, de Jomar, iniciada no século XIX por encomenda de Napoleão Bonaparte. **Fonte:** BRUCIATI, Andrea. *La villa d'Hadrien*. Milão: Mondatori Electra, 2017. p. 21.

No ano de 136 – com sessenta anos e sem herdeiros ou sucessores ao trono – adotou como filho Lúcio Ceônio Cômodo Vero, que tinha como pai Ceônio Cômodo, descendente de tradicional família etrusca com sangue real, riquíssimo patrício que no início do governo de Adriano muito o auxiliou nas estratégias para unificar as leis do Senado, tornando idênticos todos os procedimentos legais nas diferentes regiões do Império (HADAS, 1969). Lúcio foi adotado com o nome de Lúcio Hélio Cezar. Ele tinha 33 anos e foi nomeado governador da Panônia. Nesse mesmo ano morreu Sabina e, logo em seguida, Plotina. Em paralelo, uma simples gripe que acometeu Lúcio transformou-se em pneumonia. Adriano ordenou a volta à Itália do príncipe herdeiro doente, que foi acomodado nas dependências da Villa, onde faleceu na véspera do ano de 138.

Numa última cartada, Adriano fez de Antonino seu filho adotivo, homem de cinquenta anos e originário de uma família provinciana aparentada com o clã de Plotina. Com a condição de que Antonino Pio, Imperador entre os anos de 138 e 161, adotasse Lúcio Vero – filho de Lúcio Hélio Cezar – e Marco Aurélio. O último era sobrinho de Antonino e filho de Marco Anjo Vero, que Adriano conhecia desde criança e estimava muito. O nome do recém-nascido Marco Aurélio foi escolhido por Adriano, que indicou os melhores mestres para a educação do menino “excepcionalmente ajuizado” (YOURCENAR, 2003, p. 229). Marco Aurélio, “o Imperador Filósofo” (BOURBON, 2005, p. 41), e Lúcio Vero, governaram juntos o Império Romano, no período compreendido entre as datas de 161 e 180.

As cinzas de Adriano, que morreu em 138, foram transladadas no ano seguinte para o Mausoléu mandado construir por ele nas margens do Tibre. (Figura 4) O monumento foi iniciado em 130 e era constituído de um embasamento quadrangular, com torredões nos quatro cantos, sobre o qual foi edificado um segundo pavimento de forma elíptica, ambos de alvenaria de pedras e tijolos e inteiramente revestidos com placas de mármore (STACCIOLI, 1962). Como nas antigas tumbas etruscas, sobre o tambor elíptico foi erguido um jardim plantado com ciprestes – simulacros de chamas fúnebres que se destacavam sobre o céu – no alto do qual foi colocada uma quadriga de bronze dourado comandada por Hélios. Durante a Idade Média o edifício foi transformado em fortaleza. Hoje é conhecido como: o Castelo de Sant’Ângelo.

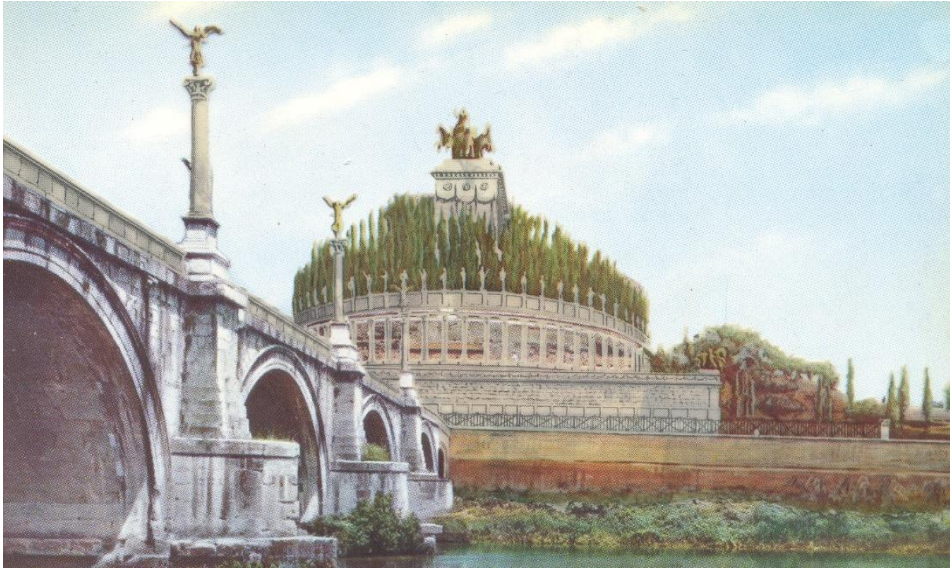


Figura 4: Reconstituição do Mausoléu de Adriano, erguido às margens do Tibre, em Roma. **Fonte:** STACCOLI, R. A. **Rome: autrefois et aujourd'hui.** Roma: Vision, 1962. p. s/n.

A Villa Adriana

Adriano subiu ao trono em 117 d. C. No ano seguinte deu início a construção de sua residência imperial, distante 28 km do tumulto de Roma e situada em Tíbur, atual cidade de Tívoli, que na época de Augusto tornou-se moda como local de descanso entre os romanos ricos (BOURBON, 2005). Região ligada à capital do Império por meio de estradas pavimentadas, e conectada aos veios navegáveis que levavam ao Tibre.

Estudioso de Vitrúvio, soube escolher o lugar ideal para o projeto sonhado. Território acidentado e bem irrigado, com 120 hectares, que alterna elevações, vales e campos verdes. A área escolhida contribuiu para a exploração e o uso dos materiais empregados – abastada em jazidas do travertino³, da puzzolona⁴ e de cal – e rica em fontes naturais de água sulfurosa e medicinal, ainda hoje disponibilizada nos estabelecimentos de banhos de Tívoli. O terreno irregular também colaborou para a ordenação do grandioso complexo arquitetônico e

³ Segundo BURDEN, Ernest. **Dicionário ilustrado de arquitetura.** Porto Alegre: Bookman, 2006. p. 328. O travertino é uma variedade de pedra calcária depositada por águas da fonte, que geralmente tem listras, é áspera e frequentemente contém fósseis. É utilizada como pedra de construção, especialmente em acabamentos de interiores, nas superfícies de paredes e de pisos.

⁴ O romano foi o primeiro povo a utilizar argamassa para unir pedras e tijolos. Obtida através da puzzolana, uma pedra vulcânica e porosa originada das lavas dos vulcões, que era facilmente triturada, originando pequenos grãos. Misturada à cal, à areia e à água, resultou numa resistente argamassa.

urbanístico idealizado. Cujo projeto foi criado pelo sírio Apolodoro de Damasco – arquiteto oficial de Trajano – juntamente com Adriano.

Cruzavam as terras da Villa quatro aquedutos que alimentavam Roma, cujas águas foram – em parte – canalizadas para o abastecimento dos múltiplos edifícios construídos: o palácio; os estádios e as termas; os diferentes tanques dos vários peristilos⁵, piscinas, fontes e chafarizes, espelhos d’água. Uma rede de canalização de água e de esgotos se estendia pelos subterrâneos das construções. Necessárias para o abastecimento dos prédios e para o bom funcionamento das latrinas e das cloacas⁶.

As latrinas eram banheiros – individuais ou coletivos. Compostas por bancos com tampos de granito ou de mármore, nos quais eram vazados orifícios redondos onde acomodavam-se os indivíduos para realizar suas necessidades físicas. Sob essa espécie de banco, por um canal corria constantemente a água originada das canalizações ou de uma fonte natural, que levava os dejetos às cloacas. Aos pés do banco, a água também corria por uma gárgula menor, onde o usuário molhava esponjas ou pequenos panos para se higienizar.



Figura 5: À esquerda, 1: Aspecto do *Pecile*, em maquete executada em 1956 pelo arquiteto Italo Gismondi. **Fonte:** Foto do autor. À direita, 2: Reconstituição do *Pecile*: **Fonte:** *Villa Adriana: hier et aujourd’hui*. Roma: Lozzi Editori, 2009. p. s/n.

Adentra-se a Villa Adriana através do *Pecile*, (Figura 5.1) um grandioso hall inspirado na *Stoa Poiukilé* da acrópole de Atenas, uma espécie de pinacoteca que abrigava obras dos grandes pintores gregos (BRUCIATI, 2017). O *Pecile* era composto por um grande espaço em cuja área central se situava um enorme tanque d’água, cercado de jardins e ciprestes. (Figura 5.2) Com um templo circular em cada uma das extremidades e dedicados aos deuses pagãos.

⁵ Pátios rodeados por arcadas e colonatas.

⁶ As cloacas eram reservatórios subterrâneos onde eram despejadas as águas servidas e materiais fecais.

Era circundado por uma colunata da ordem coríntia, que sustentava a cobertura em duas águas com telhas cerâmicas e protegia uma espécie de *loggia* ou alpendre, destinado às caminhadas matinais do Imperador.

Como o *Pecile* ocupava um terreno em declive, (Figura 5.1) a área foi aterrada para desenvolver o peristilo em território plano. Em diferentes níveis, corredores circundavam o aterramento, onde situavam-se almoxarifados para o depósito de instrumentos e materiais necessários à manutenção da Villa, e salas para o armazenamento de ânforas com vinho, azeite e mel, ou ainda, com grãos, como: o trigo, o centeio, o gergelim e o milho. No alto, uma galeria vazada por diferentes vãos cumpria a função de um belvedere, por cujas aberturas poderiam ser visualizados o vale verdejante e a cidade de Tíbur. Atualmente, da antiga construção só resta uma alta muralha de tijolos cerâmicos, que estruturava o edifício idealizado. (Figura 6)

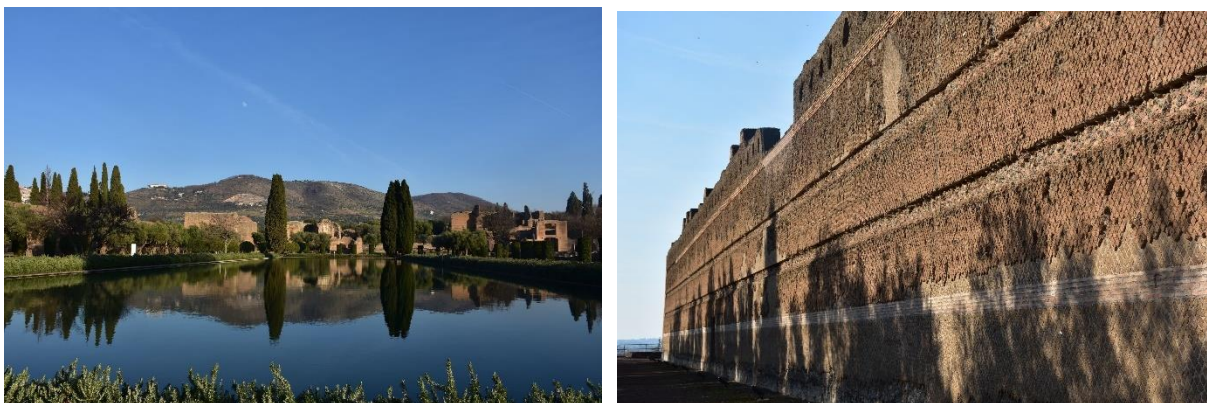


Figura 6: À esquerda, 1: Aspecto atual do *Pecile*. À direita, 2: Visão do muro de tijolos cerâmicos que sustentava o peristilo do *Pecile*. **Fonte:** Fotos do autor.



Figura 7: À esquerda, 1: Detalhe da planta geral da Villa Adriana, em painel disponibilizado na entrada do complexo arquitetônico, com o *Pecile* e, ao lado, o *Cento Camerelle*. À direita, 2: Aspecto atual do *Cento Camerelle*, com a muralha de arrimo do aterramento do *Pecile*, ao fundo. **Fonte:** Fotos do autor.

Dá continuidade ao *Pecile* o *Cento Camerelle*, (Figura 7) que denomina as cem câmaras ou quartos destinados aos serviçais que mantinham os jardins, as fontes, os espelhos d'água e os diferentes edifícios da Villa. Intercalados por latrinas coletivas.



Figura 8: À esquerda, 1: Aspecto atual da *Sala dei Filosofi*. À direita, 2: Maquete do *Teatro Marittimo*. **Fonte:** Fotos do autor.

Pelo *Pecile* chega-se à hoje nomeada *Sala dei Filosofi*, inspirada na Basílica *Domus Flavia*, no Palácio do Palatino, em Roma (BRUCIATI, 2017). Provavelmente usada para as reuniões do Imperador com seus Senadores, ou ainda com seus conselheiros. Era composta por espaço retangular coberto por telhado de duas águas. Em uma das extremidades, uma parede curva sustentava uma semicúpula e abrigava sete nichos, nos quais deveriam estar expostas estátuas da família imperial.

Na sequência encontra-se o *Teatro Marittimo*, (Figuras 8.2 e 9) um ambiente de repouso e prazer. Espécie de teatro cósmico, onde Adriano, por vezes se refugiava. Um corredor circunda o cenário criado, com teto em abóboda de berço erguida em alvenaria de pedras e tijolos. O anel do espelho d'água define uma ilha circular, onde se distribuem salas de dimensões e formas variadas. As arcadas são sustentadas por colunas jônicas.

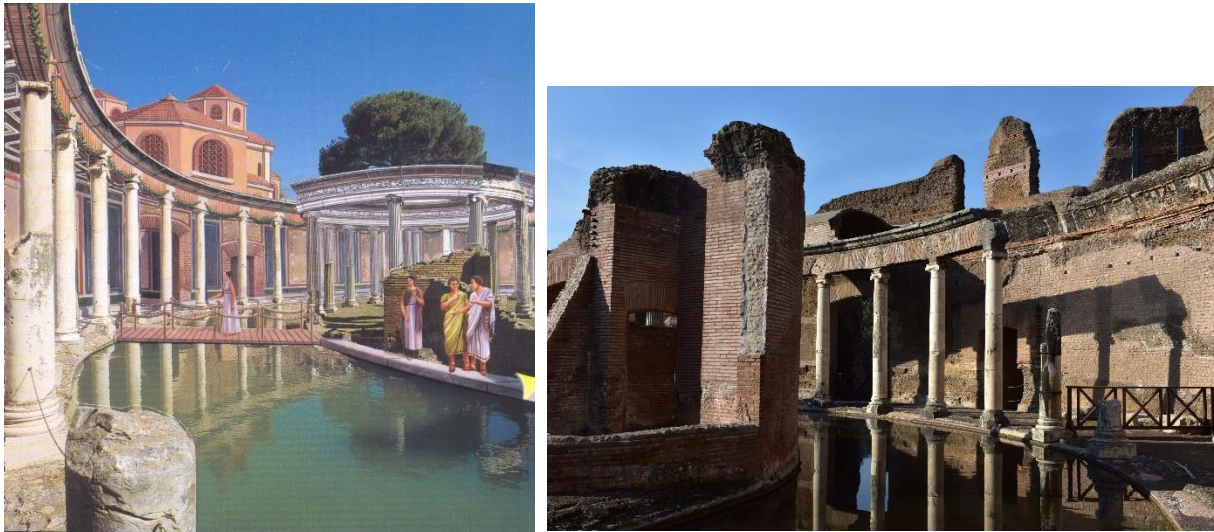


Figura 9: À esquerda, 1: Reconstituição do *Teatro Marittimo*. **Fonte:** *Villa Adriana: hier et aujourd'hui*. Roma: Lozzi Editori, 2009. p. s/n. À direita, 2: Aspecto atual do *Teatro Marittimo*. **Fonte:** Foto do autor.

O *Palazzo* era a construção mais importante da Villa Adriana, a residência do Imperador. Como no Palácio do Palatino, em Roma, tinha uma das fachadas voltadas para um Circo, onde ocorriam as disputas entre bigas e quadrigas. O prédio e o Circo são visíveis na maquete realizada pelo arquiteto Italo Gismondi em 1956 – exposta numa sala construída para abrigá-la e que antecede o *Pecile*. (Figura 10.1) Como o restante dos edifícios do complexo arquitetônico, o *Palazzo* tinha dimensões monumentais e se constituía de uma série de prédios: a área residencial propriamente dita; a biblioteca particular de Adriano; a *Hospitalia*, destinada a abrigar a guarda do governante, com ginásio e grandes pátios para os exercícios físicos e treinamentos dos soldados; e uma segunda biblioteca, disponibilizada aos visitantes e à guarda real.



Figura 10: À esquerda, 1: Maquete do *Palazzo*, com a fachada voltada para o Circo. Ao lado, o telhado em duas águas e a semicúpula da *Sala dei Filosofi*, a forma circular do *Teatro Marittimo*. Acima, os prédios e os peristilos da *Hospitalia*. **Fonte:** BRUCIATI, Andrea. *La Villa d'Hadrien*. Milão: Electra, 2017. p. 26. À direita, 2: Aspecto atual do *Palazzo*. **Fonte:** Foto do autor.

Como os revestimentos com placas de mármore, pinturas murais, mosaicos e elementos ornamentais de estuques em relevo se perderam, e restam apenas as espessas e maciças paredes e os fragmentos de arcos, abóbodas e cúpulas de alvenaria de tijolos e pedras. Podemos analisar os materiais e as técnicas utilizadas na edificação. Ainda presentes e visíveis nas estruturas arruinadas. Nas laterais dos vãos eram empregados tijolos retangulares, de menor espessura e mais longos do que os produzidos hoje em dia, dispostos na horizontal e unidos com argamassa. Sobre os vãos eram colocados em diagonal, formando as vergas retas ou os arcos romanos⁷, que sustentam as abóbodas e cúpulas. (Figura 11)



Figura 11: Nas duas imagens: Os tijolos retangulares colocados na horizontal sobre as laterais dos vãos. E dispostos em diagonal nas vergas e, no arremate do óculo da cúpula. No restante das superfícies murais, dispostos na posição de losangos. **Fonte:** Fotos do autor.

No restante das paredes usavam tijolos assentados na posição de losangos. (Figura 11) Na verdade, nesses elementos podemos ver em detalhe, que esses artefatos cerâmicos se assemelhavam a bastonetes longilíneos, com o comprimento de 50cm. Arranjados na horizontal, em seções sequenciais, resultavam nas grossas e sólidas paredes que suportavam as abóbodas e cúpulas que cobriam as diferentes salas. Esses materiais e a técnica empregada se repetem em todas as construções da Villa: no *Pecile*, no Teatro Marítimo, na Sala da Filosofia, nos Ginásios e nas Termas, e em outros edifícios.

Nas escavações arqueológicas efetuadas durante o século XIX e início do XX, em raros ambientes foram encontrados fragmentos das decorações murais internas: os afrescos

⁷ O arco de meia circunferência ou arco romano foi a grande inovação da arquitetura da Antiguidade, juntamente com o uso da argamassa, proveniente do emprego da puzzolana. Através do arco, os romanos conseguiram cobrir grandes espaços sem o uso de pilares e colunas de sustentação, exemplificados pelas pontes e aquedutos. Os arcos e a argamassa também possibilitaram a edificação de prédios em altura, como o Coliseu de Roma.

desenvolvidos sobre as superfícies estucadas que cobriam os muros, as placas de mármore que revestiam as paredes e os rodapés, a técnica do *opus sectile* usada sobre o revestimento do solo, que conjugava pequenas placas de mármore coloridos e outras pedras – como o lápis-lazúli. (Figura 12.1) Frações das ornamentações figurativas realizadas em estuques em relevo ou em afrescos – que representam ícones antropomórficos, zoomórficos e passariformes, folhas de acanto, gregas e frisos – foram retirados e levados para diferentes museus do mundo. Alguns estão expostos no Museu da Villa Adriana. Reconstituições foram realizadas dos bens integrados que cobriam as paredes internas. (Figura 12.2)

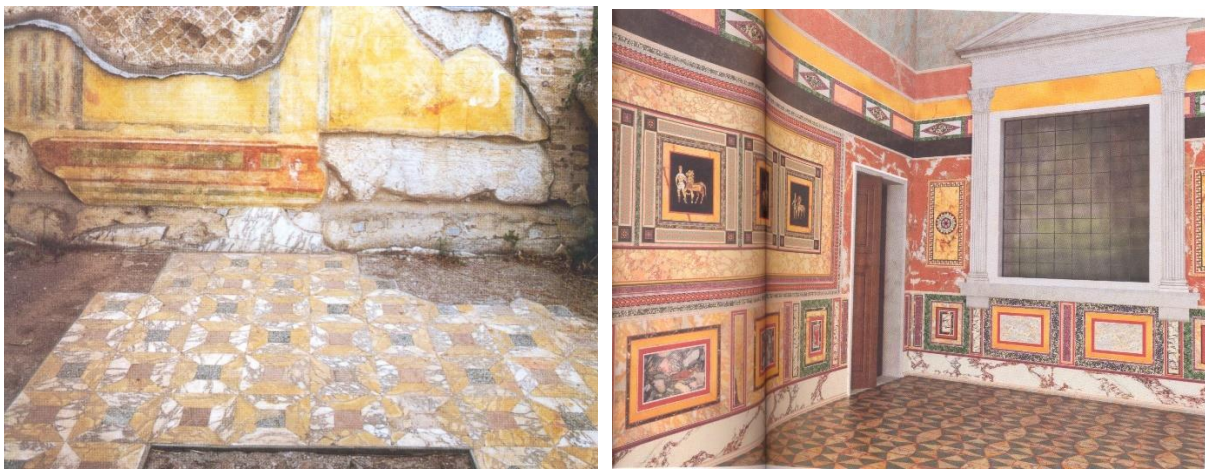


Figura 12: À esquerda, 1: Decorações de uma sala do *Palazzo*, registro efetuado durante as escavações arqueológicas do século XX. À direita, 2: Reconstituição de uma sala do *Palazzo*. **Fonte:** BRUCIATI, Andrea. **La Villa d'Hadrien**. Milão: Electra, 2017. pp. 50 e 45, respectivamente.

Destacava-se no complexo do *Palazzo* a *Piazza d'Oro*, um grande pátio aberto aos céus, circundado por arcadas sustentadas por colunas de mármore coloridos com capitéis jônicos que, por sua vez, amparavam a cobertura com telhas cerâmicas que cobria um alpendre de circulação. As paredes desse peristilo eram revestidas com placas de mármore e ornadas com afrescos. No centro, um grande espelho d'água, com rampas inclinadas feitas com pedras irregulares unidas com argamassa e recobertas de estuques de acabamento, que imitavam o mármore. Essas rampas permitiam a passagem dos visitantes, de um lado ao outro do espelho d'água pitoresco e ornamental. (Figura 13)

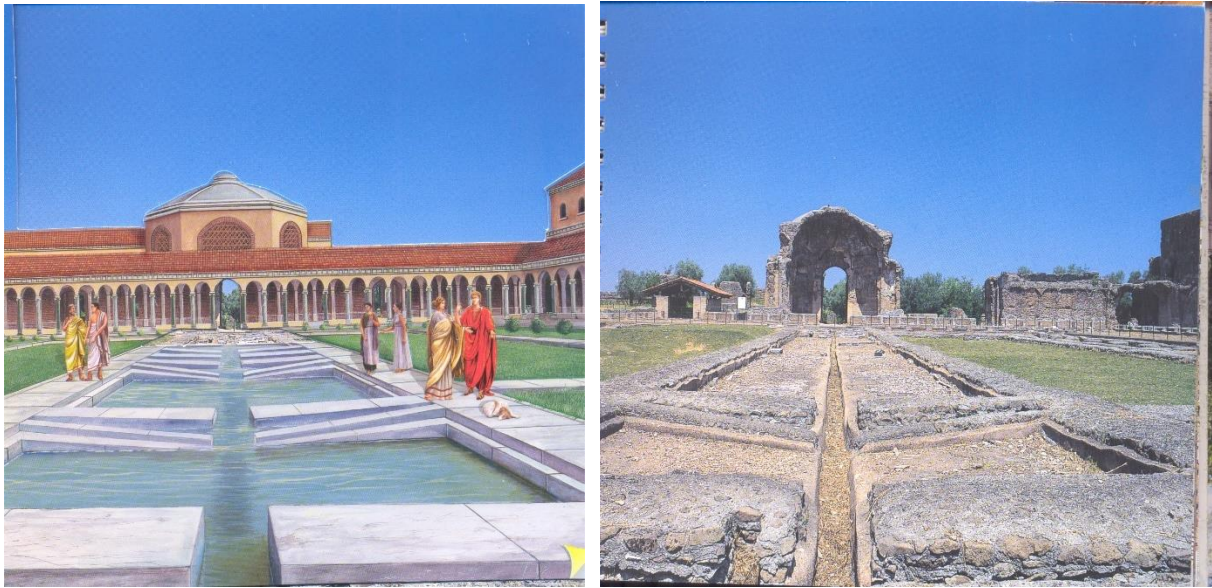


Figura 13: À esquerda, 1: Reconstituição da *Piazza d'Oro*. À direita, 2: Visão atual da mesma praça. **Fonte:** *Villa Adriana: hier et aujourd'hui*. Roma: Lozzi Editori, 2009. p. s/n.

As termas eram intrincadas construções destinadas aos banhos públicos. Em todas as cidades romanas foram erguidos esses edifícios, que serviam às populações urbanas. Eram compostas de salas para palestras, vestiários, ambientes para banhos de sol e para saunas, e para os banhos propriamente ditos. Nesses últimos havia piscinas com água fria, morna e quente: o *frigidarium*, o *tepidarium* e o *caldarium*, respectivamente. Os romanos acreditavam ser benéfica para a saúde essa variação das temperaturas das águas dos tanques. E alternavam o *frigidarium* e o *caldarium* por meio do *tepidarium*. Nos subterrâneos, fornos à lenha eram alimentados por escravos. No interior das paredes e dos pisos, canalizações transportavam o ar quente e os vapores destinados à sauna, expelidos por orifícios existentes nas superfícies dos muros e do chão.



Figura 14: Aspecto atual do *Heliocaminus*, na *Grandi Terme* da Villa Adriana. **Fonte:** Fotos do autor.

Na *Grandi Terme* da Villa Adriana chama a atenção o *Heliocaminus*, (Figura 14) sala monumental destinada aos banhos de sol e à sauna (BRUCIATI, 2017). A planta em forma circular determinou o cilindro de largas paredes que sustentava uma cúpula, erguida com argamassa sobre molde estruturado em madeira, como no Panteão de Roma. No interior, três degraus dispostos em círculo acomodavam os usuários. Na planta das Termas, (Figura 15.1) visualiza-se os espaços brancos correspondentes aos vãos, fechados por estruturas de ferro onde eram encaixados os vidros, para que o sol adentrasse no recinto criado. Observa-se também as divisões em diversos ambientes destinados aos exercícios físicos, massagens, vestiários, latrinas, e o espaço do *frigidarium* e seu grande pórtico e as cúpulas e semicúpula suportadas por colunas jônicas. (Figura 16) Do exterior da construção, (Figura 15.2) ainda pode ser visto o embasamento que abrigava os fornos e, nas superfícies murais, as fendas que expeliam o ar quente e os vapores d'água. Os grandes salões abobadados e destinados ao *caldarium* e ao *tepidarium*.

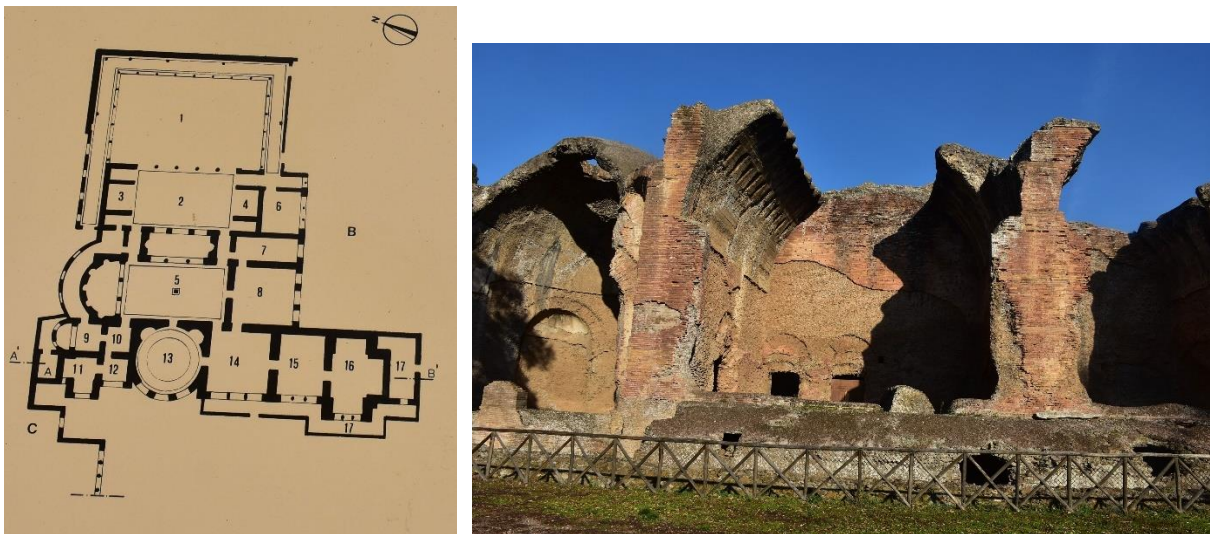


Figura 15: À esquerda, 1: Planta da *Grandi Terme*. Assinalados com os números 1 e 2, os pátios para exercícios físicos. Com o número 5 o *Frigidarium*, no 13 o *Heliocaminus*, no 14 o *Tepidarium* e no 15 o *Caldarium*. **Fonte:** Foto de um dos painéis informativos dispostos na Villa. À esquerda, 2: Aspecto atual do *Tepidarium* e do *Caldarium* e do embasamento de pedras onde ficavam os fornos subterrâneos. **Fonte:** Foto do autor.

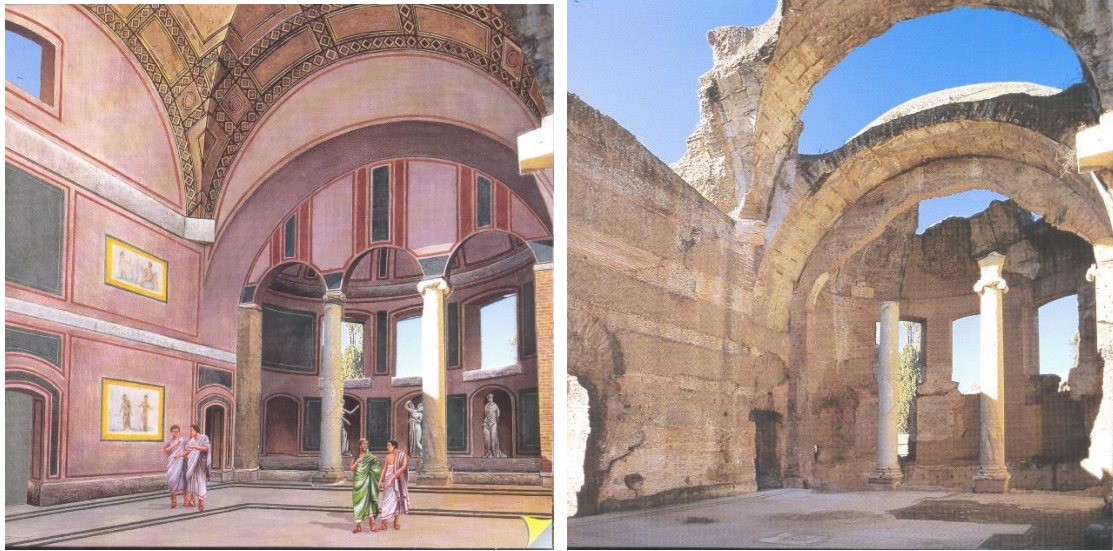


Figura 16: À esquerda, 1: Reconstituição do pórtico do *Frigidarium* da *Grandi Terme*. À direita, 2; Aspecto atual do mesmo ambiente. **Fonte:** *Villa Adriana: hier et aujourd'hui*. Roma: Lozzi Editori, 2009. p. s/n.

Deixamos de comentar nesse artigo outras edificações existentes na Villa, para não extrapolar o limite de páginas recomendado para aos textos e definido pela coordenação do XVI Seminário de História da Arte. Mas, não podíamos deixar de incluir o *Antinoeion*, o Túmulo/Templo egípcio erguido na Villa Adriana para homenagear a memória de Antínoo, o favorito do Imperador. (Figura 17) Segundo a reconstituição, era composto por um muro de alvenaria de pedras e tijolos, circundado por fileiras de ciprestes. Por meio de uma escadaria com degraus de mármore, se adentrava no espaço quadrangular totalmente ajardinado e onde foram plantadas mudas de palmeiras trazidas do Egito, que remetiam à região onde o jovem teve a vida interrompida. No centro, um obelisco egípcio, ladeado por duas capelas de características gregas. Ao fundo, um peristilo semicircular, no qual se inseria o Templo/Túmulo, cujo frontão era sustentado por colunas e cariátides.

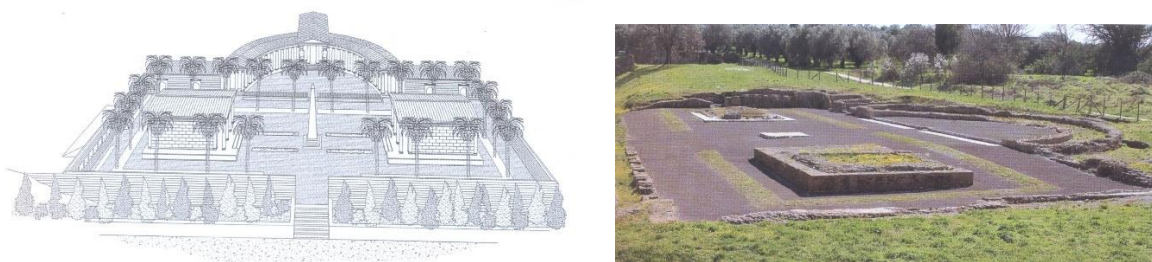


Figura 17: À esquerda, 1: Reconstituição do Túmulo/Templo de Antínoo. À direita, 2: Aspecto atual das fundações do Túmulo/Templo. **Fonte:** BRUCIATI, Andrea. *La Villa d'Hadrien*. Milão: Electra, 2017. p. 21.

Por fim, o *Canopo*, um estreito vale, em parte artificial, delimitado – nas laterais – por construções e muros de alvenaria de pedras e tijolos. No centro da área, um tanque d'água finaliza junto a um pavilhão coberto por uma semicúpula: o *Serapeo*. O recinto idealizado se inspirou num canal homônimo existente na Antiguidade, no Delta do Nilo – que conduzia à cidade de Alexandria –, célebre na época pelas festas noturnas ali desenvolvidas. Adriano participou de um desses festejos organizado em sua homenagem, quando das suas expedições ao norte da África.



Figura 18: À esquerda, 1: Alegoria do rio Nilo. À direita, 2: Alegoria do rio Tibre. **Fonte:** Fotos do autor.

Duas esculturas masculinas dão entrada ao *Canopo*. São alegorias do Nilo e do Tibre. (Figuras 18.1 e 18.2) A imagem alegórica do rio Nilo se debruça sobre uma esfinge e sustém uma cornucópia da abundância, da qual pendem ramos de trigo e frutos diversos. Sabe-se que, desde que conquistado pelos romanos, o Egito se constituiu no celeiro de Roma. Ao lado, a estátua que alude ao Tibre carrega uma espada em uma das mãos, e na outra a cornucópia da abundância. Sob a qual está deitada a loba que aleita Rômulo e Remo. A espada alude à força romana, que através da luta armada ampliou o território do Império. A cornucópia da abundância indica as riquezas provindas das regiões conquistadas.

Em seguida, junto à margem do tanque, uma arcada suspensa por colunas coríntias abriga quatro esculturas que representam: o semideus Eurípides; o deus do comércio Hermes ou Mercúrio; e duas amazonas. (Figura 19) De um lado do espelho d'água, uma dupla colunata sustentava uma pérgula. (Figura 20.1) Do outro lado, uma sequência de colunas, quatro cariátides e dois silenos atlantes suportavam outro pergolado. (Figura 20.2) Um crocodilo – cuja boca funcionava como um chafariz – complementa a decoração. Todas as esculturas são cópias moldadas em cimento, que substituíram os originais de mármore transferidos para o

Museu da Villa Adriana, objetivando a permanência dos mesmos. As cariátides copiam aquelas existentes no Erecteion de Atenas. (Figura 24) Uma das Amazonas repete o original intitulado a Amazona Mattei, de Fídias. O Hermes ou Mercúrio foi inspirado no Doríforo, de Policeto. A alegoria de Eurípedes lembra o Hermes com Dionísio, de Praxíteles. (Figura 21)



Figura 19: A arcada apoiada por colunas coríntias e as estátuas de Hermes ou Mercúrio, do semideus Eurípedes e de uma das Amazonas. **Fonte:** Foto do autor.



Figura 20: À esquerda, 1: Um dos lados do tanque do *Canopo*. Onde ainda restam os pedestais das colunas que suportavam a pérgula. À direita, 2: O lado oposto do lago. Com as Cariátides e os Atlantes que sustentavam outro pergolado. **Fonte:** Fotos do autor.



Figura 21: As esculturas de mármore originais do *Canopo* – Eurípedes, Mercúrio e as duas Amazonas –, no Museu da Villa Adriana. **Fonte:** BRUCIATI, Andrea. *La Villa d’Hadrien*. Milão: Electra, 2017. p. 21.

Ao fundo do tanque se situa o *Serapeo* com as suas salas adjacentes, cujas paredes eram cobertas com placas de mármore, e os diferentes ambientes ornados com fontes e chafarizes. (Figura 22) No *Serapeo* e no entorno do *Canopo* eram realizadas festas durante as primaveras e verões, para as quais concorriam os aristocratas e políticos de Roma. Durante as escavações arqueológicas realizadas na Villa ao longo dos séculos XIX e XX, inúmeras estátuas esculpidas em mármore – ou fragmentos dessas – foram descobertas. A maior parte delas, hoje está exposta nas coleções dos museus italianos. Assim como ânforas, crateras, e diferentes vasos, que enfeitavam ou eram usados nas tarefas diárias da majestosa residência imperial idealizada e edificada por Adriano.



Figura 22: À esquerda, 1: Reconstituição do *Serapeo*. À direita, 2: Aspecto atual do mesmo ambiente. **Fonte:** *Villa Adriana: hier et aujourd’hui*. Roma: Lozzi Editori, 2009. p. s/n.



Figura 23: Visão aérea do *Serapeo*. **Fonte:** *Villa Adriana: hier et aujourd'hui*. Roma: Lozzi Editori, 2009. p. s/n.



Figura 24: As réplicas de cimento da Cariátides do *Canopo*, que substituíram os originais de mármore trasladados ao Museu da Villa Adriana, cópias das Cariátides do Erecteion de Atenas. **Fonte:** Fotos do autor.

Conclusão

Adriano reinou entre os anos de 117 e 138. Eleito Imperador, iniciou a construção de sua Villa Imperial, distante 28km de Roma, mas ligada à capital por estradas pavimentadas e conectada aos veios navegáveis que levavam ao Tibre. Estudioso dos tratados arquitetônicos de Vitruvius, soube escolher o local ideal para realizar o projeto sonhado. Área acidentada – que alterna montanhas, vales e campos verdejantes – com boa irrigação, que era complementada pelas águas provenientes de quatro aquedutos que cruzavam a Villa, parte delas desviada para suprir as canalizações de água potável dos diferentes edifícios, dos tanques, das fontes, dos chafarizes, e dos esgotos subterrâneos, das latrinas e cloacas.

Amante da arte e, sobretudo, da arquitetura, planejou sua residência real juntamente com o sírio Apolodoro de Damasco, arquiteto oficial de Trajano. Utilizou materiais locais e importou matérias nobres originadas de lugares próximos ou longínquos das províncias romanas. Cercou-se de diferentes construtores, urbanistas, paisagistas, escultores, pintores e de variados artífices que materializaram nas construções edificadas na Villa, o seu amor pela cultura e pela beleza, que fizeram sua grandeza e a de Roma.

Após sua morte, no ano de 138, o complexo arquitetônico foi usado por outros imperadores. Saqueado pelos sucessores do trono e, mais tarde, pelos invasores bárbaros. Transformado em mosteiro jesuítico durante a Idade Média. Tornou-se foco de estudos durante o Renascimento e o Barroco, quando foi explorado como jazida de materiais para outras construções romanas. Dos múltiplos prédios, dilapidados, restaram as ruínas, que foram objeto de escavações arqueológicas durante os séculos XIX e XX. Hoje, a Villa Adriana é reconhecida como Patrimônio da Humanidade.

Referências

- BOURBON, Fabio. **A Roma Antiga**. Barcelona: Ediciones Folio, 2005.
- BRUCIATI, Andrea. **La Villa d’Hadrien**. Milão: Mondadori Electra, 2017.
- BURDEN, Ernest. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: Bookman, 2002.
- HADAS, Moses. **Roma Imperial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- STACCIOLI. R. A. **Rome: autrefois et aujourd’hui**. Roma: Vision, 1962.

Villa Adriana: hier et aujourd'hui. Roma: Lozzi Editori, 2009.

YOURCENAR, Marguerite. **Memórias de Adriano.** São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.